

Fascínio e desencanto: apontamentos acerca de uma narrativa de viagem à URSS

Fascination and disenchantment: notes about a travel narrative to the URSS

Edison L. Fabricio¹

Resumo: Este artigo apresenta uma reflexão sobre a relação entre viagem, memória e narrativa. A primeira parte destaca a singularidade das narrativas de viagem. A segunda faz um exercício de compreensão do livro “Lágrimas na chuva”, de Sergio Faraco, membro do PCB catarinense em Blumenau que viajou em 1964 para a URSS. A terceira seção realiza apontamentos sobre a relação entre memória, narrativa e autobiografia, temas caros à historiografia contemporânea.

Palavras-chave: URSS, Literatura de viagem, Memória.

Abstract: This article presents a reflection on the relation between travel, memory and narrative. The first part analyzes the particularity of the travel narratives. The second seeks to understand the book “Lágrimas na chuva”, by Sergio Faraco, a member of the Communist Party in Blumenau, State of Santa Catarina, who traveled in 1964 to the URSS. The third section makes notes on the connection between memory, narrative and autobiography, important themes to contemporary historiography.

Keywords: URSS. Travel writings, Memory.

Pode-se afirmar com segurança que os relatos de viagem são narrativas tão antigas quanto as próprias viagens. Narrativas de viagem estão intimamente relacionadas à discussão sobre a memória, a identidade e a alteridade. Todavia, a partir do século XVI, viagem e escrita passaram a formar um par quase inseparável (HARTOG, 2004; TODOROV, 1992). Já no século XX, através do surgimento de novos meios de locomoção, responsáveis pela rapidez e barateamento das viagens, um novo ciclo de narrativas de viagens foi inaugurado, com destaque para os relatos políticos (MAZUY, 2002).

Desde a eclosão da revolução russa, uma miríade de viajantes viu em Moscou um destino a ser perseguido. Alguns viajaram ao país dos soviets por pura curiosidade, para ver com os próprios olhos a situação do país após a revolução. Por outro lado, outros buscaram conhecer a Rússia revolucionária para simplesmente detratá-la junto à opinião pública ocidental. A guerra das imagens e das representações estava estabelecida. As primeiras impressões dos brasileiros sobre a Rússia revolucionária foram escritas no início da década de 1930, como atesta Raquel Mundim Tôrres em *O inferno e o paraíso se confundem: viagens de brasileiros à URSS (1928-1933)*.

¹ Doutorado em História na Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: edisonlucasf@hotmail.com

Embora os relatos de viagem feitos por comunistas brasileiros existam em quantidade considerável, ainda são poucos os historiadores e historiadoras que se debruçaram em analisá-los (SOTONA, 2006; TÔRRES, 2013; TÔRRES, 2017). A renovada atenção à biografia tem contribuído para matizar esse desinteresse. Nessa perspectiva, apoiado em biografias e relatos memorialísticos, o trabalho de Jorge Ferreira, *Prisioneiros do mito*, é incontornável quando se trata de compreender a cultura política dos comunistas brasileiros e seu imaginário sobre a URSS (FERREIRA, 2002).

Por outro lado, o tema dos relatos de viagem para a URSS em outros países tem sido abordado com relativa frequência. Um dos trabalhos mais antigos sobre a questão é o livro *Au pays des Soviets – Le Voyage français en Union soviétique, (1917-1939)*, de Fred Kupferman, publicado em 1979. Nele, o autor descreve as impressões que turistas, operários, intelectuais tiveram ao visitar a URSS. Durante a década de 1920, as viagens eram restritas a Moscou e Leningrado, devido ao caos econômico e ao esforço de reconstrução após a Primeira Guerra Mundial. No início dos anos 1930 ainda não era possível conhecer a “Rússia real”, pois a criação de um serviço turístico oficial condicionava a visão que o governo gostaria que os turistas tivessem do país. Daí as visitas guiadas às usinas modelos, às creches, aos *Kolkhós*. A criação da associação francesa *Les Amis de l’Union soviétique* e da revista *Russie d’aujourd’hui* serviram de reforço à imagem positiva da URSS na França anterior à Segunda Guerra Mundial (KUPFERMAN, 1979).

O livro de Rachel Mazuy, *Croire plutôt que voir? Voyages en Russie soviétique (1919-1939)*, publicado em 2002, revisita o mesmo período. Segundo a autora, mais de 10 mil viajantes franceses foram à Rússia entre 1919 e 1944. A estadia era enquadrada em rituais que visavam mostrar a URSS como um paraíso socialista. Para muitos dos militantes enviados pelo Partido Comunista Francês, a viagem tinham um caráter quase religioso. No entanto, a diversidade de relatos de viagem fez com que a autora assinalasse que a “União soviética tornou-se um lugar de ‘peregrinação’ ou ‘contra-peregrinação’”, ao mesmo tempo de louvação e detratção, conforme as diferentes categorias de viajantes: operários, escritores, jornalistas (2002, p. 8).

Um dos livros mais recentes sobre relatos políticos de viagem é o de Silvia Saítta, *Hacia la revolución: Viajeros argentinos de izquierda*. A obra é uma compilação de treze relatos de viagem feitos por argentinos para países que passaram por processos revolucionários ao longo do século XX: Rússia, China e Cuba. Saítta, no belo prólogo que introduz os textos, assinala que estes três países exerceram grande fascínio sobre a esquerda argentina. A Rússia era o exemplo de que mesmo em um país periférico do sistema capitalista

era possível uma revolução. A China, de forma semelhante ao que ocorreu na Rússia, teria rompido com uma longa tradição de dominação política e produzido uma revolução com profundas mudanças culturais. O heroísmo da revolução chinesa também era um elemento encontrado na revolução cubana. Os militantes argentinos viram em Cuba o romantismo revolucionário e a força da juventude no movimento revolucionário. Portanto, ser testemunha dessas experiências políticas converteu-se em “um anelo para muitos intelectuais, escritores e periodistas argentinos” (SAÍTTA, 2007, p. 12)

A utilização de relatos de viagem como fonte histórica tem sido frequente na historiografia brasileira, desde a institucionalização da disciplina no país. No entanto, há ainda pouca discussão sobre a natureza dessa fonte e os cuidados necessários para a sua utilização. Os chamados relatos de viagem ou, mais formalmente, a chamada literatura de viagem formam um gênero híbrido. Mary Anne Junqueira assinala que o corpus dos relatos de viagem é formado pelos mais vários gêneros de escrita, desde a ficção (romances, contos, etc.) até a autobiografia e os textos memorialísticos (JUNQUEIRA, 2011, p. 55).

Do corpus heterogêneo que compõe o relato de viagens, Junqueira elenca alguns elementos essenciais. Primeiro, o autor de um relato sempre busca enfatizar as diferenças do “aqui e do acolá”. Segundo, todo relato terá como referência um leitor, ainda que tal leitor seja o próprio escritor, tal como ocorre na composição de diários. Nesta mesma perspectiva aponta Todorov, ao afirmar que a literatura de viagem é produzida para o deleite do leitor, ela deve ser “uma viagem pelo livro”. Por outro lado, assevera que, “se a viagem não passa de uma vaidade, o mesmo acontecerá com a sua narrativa”. Portanto, se a existência de uma narrativa implica na própria valorização de seu referente, logo ela é composta para “a satisfação do seu narrador” (TODOROV, 1992, p. 102, 96). Terceiro, mesmo narrativas elaboradas muito tempo depois da viagem ainda são consideradas relatos de viagens, enquadrando-se como “memória de viagem”. Este aspecto é particularmente importante, haja vista a importância adquirida pela discussão em torno da memória no século XX. Quarto, um relato de viagem tem sempre um caráter referencial e mobilizador, não raro ele inspira novas viagens. Quinto, embora relativizada, a veracidade ainda é um elemento importante. Muitos relatos, com a profissionalização da escrita, tiveram sua autoria e veracidade questionadas (JUNQUEIRA, 2011, p. 48-51).

Tzvetan Todorov ainda elenca dois elementos que perpassam as narrativas de viagem enquanto um gênero literário. O primeiro seria o equilíbrio, ou mesmo a tensão, existente entre o viajante, o sujeito observador, e o seu objeto de observação. Para pertencer a este gênero, a narrativa deve ser alimentada tanto pela narração pessoal (subjetividade) quanto por

um quadro mais geral de objetividade. A viagem de Tocqueville à América, por exemplo, não se enquadra no gênero, pois pende em demasia para a objetividade. Daí, vaticina Todorov: “O limite, de um dos lados, é a ciência, do outro a autobiografia. A narrativa de viagens vive da interpenetração das duas”. O segundo elemento evocado por Todorov é a alteridade, “a descoberta dos *outros*”. Toda narrativa de viagem acabar por tomar como objeto o diferente, muitas vezes o exótico. Neste último ponto existe uma convergência entre Todorov e Junqueira (TODOROV, 1992, p. 102).

Tomando por base os elementos acima elencados, o objetivo deste artigo é fazer um exercício hermenêutico em torno do livro *Lágrimas na chuva – uma aventura na URSS*, de Sergio Faraco. A obra, datada de 2002, descreve a viagem de Faraco à URSS, desde sua saída de Blumenau, no início de 1964, até o retorno, no ano 1965, a Alegrete, no Rio Grande do Sul. Neste artigo, essa obra será tomada sob dois aspectos, complementares entre si: o da narrativa enquanto fonte de conhecimento sobre uma determinada realidade, neste caso a vida social e política na URSS; e o da narrativa enquanto artefato da memória, configuração do vivido, (RICOEUR, 1994).

***Lágrimas na chuva*, de Sergio Faraco**

Sergio Faraco é um escritor sul-rio-grandense, nascido em Alegrete, no ano de 1940. Como será visto abaixo, em 1963 vivia e trabalhava em Blumenau, onde conheceu e filiou-se ao PCB. A sua carreira literária teve início com a publicação de *Idolatria*, livro de contos, em 1970. Desde então, publicou 32 livros, nos mais variados gêneros, com destaque para os de ficção, história e crônica. Além das numerosas edições, traduções e participações em antologias, Faraco ganhou diversos prêmios literários, com destaque para o Prêmio Nacional de Ficção de 1999, concedido pela Academia Brasileira de Letras à coletânea *Dançar tango em Porto Alegre*. O livro *Lágrimas na chuva* também foi reconhecido pelo jornal Zero Hora, de Porto Alegre, como o livro do ano em 2002.

O início do livro registra a forma como o autor tentou produzi-lo, logo no período imediato à volta de Moscou. No entanto, a escrita não foi adiante, “talvez porque minhas emoções ainda estivessem muito cruas e desordenadas”, assinala. O registro das memórias da URSS ainda seria marcado pela súbita prisão em 1965, na cidade de Porto Alegre, pela Interpol. As páginas iniciais do relato foram parar nas mãos dos agentes, que as utilizaram para interrogar o recém-chegado viajante. Assim, declara Faraco: “aquelas páginas, para mim, tornaram-se pouco menos que malditas” (2002, p. 9).

Nos anos seguintes, o autor se dedicou à produção literária. Ao encontrar-se com Érico Veríssimo teria sido inquirido sobre o projeto de descrever a experiência vivida na União Soviética. Faraco deu o primeiro indício do desencanto em relação à pátria do socialismo, afirmou não ter sido uma experiência edificante. Veríssimo teria dito que “talvez fosse ainda menos edificante narrá-la enquanto vivíamos, no Brasil, sob uma ditadura militar”. Assim, apenas no alvorecer do novo milênio, o autor iria retomar suas memórias. “Dos anos setenta aos noventa não pude voltar àquele passado, era a época da minha ficção, mas ele continuava a palpitar, fazendo-se lembrar a cada instante como um outro corpo dentro do meu corpo” (2002, p. 10).

O livro é dividido em 33 pequenos capítulos, que ao longo do ano de 2002 foram publicados semanalmente no jornal *A Notícia*, de São Luiz Gonzaga, no Rio Grande do Sul. O título foi inspirado em uma derradeira fala do andróide Roy Batty, no filme *Blade runner*, de Ridley Scott: “Eu vi coisas que vocês nunca acreditariam. Naves de ataque em chamas perto da borda de Orion. Vi a luz do farol cintilar no escuro na Comporta Tannhäuser. Todos esses momentos se perderão no tempo como lágrimas na chuva” (2002, p. 10).

A remissão pretendida pelo o título fornece o tom das memórias que seriam evocadas. Certamente, lembranças grandiloquentes, lugares milenares, obras da arquitetura universal, arte e cultura inigualáveis. Todavia, as lágrimas na chuva, em nada efêmeras, lá estavam para simbolizar a dimensão trágica e traumática que algumas experiências políticas ganharam ao longo do século XX.

Sergio Faraco inicia explicando como entrou para as fileiras do PCB, a convite de Francisco José Pereira, dirigente comunista em Blumenau e diretor do jornal *Folha Catarinense*.

Em 1963 eu vivia em Santa Catarina, era Chefe de Secretaria da Junta de Conciliação e Julgamento de Blumenau (Justiça do Trabalho). Tinha 22 anos, jogava basquete num clube local e participava de competições de motocicleta em Joinville e Florianópolis. Comecei a me interessar pelos temas políticos quando fiz amizade com um advogado, Francisco José Pereira, prócer comunista em Santa Catarina e diretor do jornal *Folha Catarinense*. A convite dele entrei para o Partido Comunista Brasileiro (FARACO, 2002, p. 11).

A inserção do PCB em Blumenau iniciou em 1960 e fazia parte de uma iniciativa audaciosa. Até aquele ano havia muita resistência a qualquer agremiação política identificada com princípios socialistas, e a presença do ideário integralista na cidade ainda era evidente. As principais lideranças do partido na cidade eram os advogados Francisco José Pereira e Herbert Georg e o relojoeiro Erwin Loeschner. No entanto, na clandestinidade, o partido não

tinha mais que quarenta filiados. Apesar das limitações, Francisco Pereira ainda conseguia dirigir e editar a *Folha Catarinense*, jornal em que Faraco publicou um de seus poemas, provavelmente uma das primeiras produções literárias (FABRICIO, 2011).

Ao lado das atividades na justiça do trabalho e no Partido Comunista, Faraco também mantinha outros círculos de amizade, como aquele que pertencia Roberto Gomes, autor, anos mais tarde, do celebrado *Crítica da razão tupiniquim*. Faraco tinha 23 anos quando foi convidado a realizar o curso de um semestre na URSS. Todavia, o próprio autor confessa que não tinha a disciplina partidária que se esperava de um militante.

Preferia essas atividades prazerosas à insipidez da militância partidária, mas não deixava de fazer algo pela “causa”: auxiliava as finanças do Partido. Pagava a mensalidade ao tesoureiro, comprava flâmulas com imagens de Lênin, Marx, Engels ou Fidel Castro, e livros de filosofia marxista vindos da República Democrática Alemã que não podia ler, pois eram editados no vernáculo. Fazia minhas revoluções, decerto, que começavam e terminavam na mesa do Restaurante Gruta Azul. Quando Francisco, em nome do Partido, ofereceu-me um curso de Filosofia e Economia Política em Moscou, certamente não o fez levando em conta minha atuação, mas a amizade que cultivávamos e, de resto, a urgente necessidade de preencher a vaga de Santa Catarina naquele programa do Partido Comunista da União Soviética (FARACO, 2002, p. 12)

O convite para o curso de estudos na URSS feito a Faraco não era uma prática incomum no PCB. O partido existia em Santa Catarina desde a década de 1920, quando um grupo de operários que trabalhavam na construção da ponte Hercílio Luz, liderados por Álvaro Ventura e Manoel Alves Ribeiro, resolveu criar a agremiação. No entanto, foi somente após a criação da Aliança Nacional Libertadora, em 1935, que o partido foi estruturado e registrou os primeiros estatutos, já em 1939 (VIEIRA, 1994). A partir da fundação, os laços dos catarinenses se estreitaram com o Comitê Central e as viagens tornaram-se mais comuns. Antes de Faraco, em 1963, dois membros de Blumenau já haviam viajado para a URSS, Herbert Georg e Erwin Loeschner, tendo visitado a Alemanha Oriental e a Tchecoslováquia. Dessa viagem resultou um longo relato de Georg, publicado em uma série de treze artigos na *Folha Catarinense*, sob o título “Eu vi Berlim” (FABRICIO, 2011). Além deles, outra dupla de militantes comunistas também viajou para a URSS no ano de 1962, Manoel Alves Ribeiro (Mimo), vereador em Florianópolis, e Adão Lopes, líder comunista em Joaçaba, oeste catarinense. Ribeiro narrou a viagem em detalhes no livro autobiográfico *Caminho*, publicado em 1990 (RIBEIRO, 2001).

O livro de Sergio Faraco evidencia como as relações de poder eram construídas no interior do Partido Comunista, marcado ainda pelo mandonismo de algumas lideranças formadas no espírito stalinista da obediência e da submissão. Assim, segundo Faraco, os

primeiros desentendimentos com alguns membros do partido começaram já na primeira semana que passou no Rio de Janeiro, enquanto esperava o voo para Praga. A maioria dos vinte viajantes era composta de operários, alguns já bastante idosos. O curso na URSS, como percebido mais tarde, era uma espécie de prêmio aos membros com muitos anos dedicados à militância. O voo teve que ser retardado em uma semana e os comunistas foram hospedados no Sindicato dos Ferroviários, na zona norte carioca. “As noites eram escabrosas. Dormíamos em beliches, apossados pela fúria das pulgas e dos percevejos. De manhã regressávamos à Cinelândia, tontos de sono e com as marcas do combate noturno” (FARACO, 2002, p. 13). Era em uma travessa da Cinelândia que os membros do PCB se encontravam diariamente.

Na Cinelândia, antes da viagem, o comando do partido teria ordenado o preenchimento de uma ficha cadastral com os dados pessoais e o rol de atividades dedicadas ao partido. “Recusei-me, considerando uma temeridade o preenchimento de fichas cadastrais por membros de um partido que, ao longo de sua história, geralmente tivera de atuar na clandestinidade”. O “Líder” – personagem inominado por Faraco ao longo de todo o livro –, ao tomar conhecimento que a atuação de Faraco se restringia à contribuição financeira, ficou perplexo: “não compreendia por que eu fora indicado pelos camaradas de Santa Catarina”. Ao fim, apesar dos sinais iniciais de desobediência, os dirigentes concordaram em autorizar a viagem e o próprio Luiz Carlos Prestes, quis conhecer o jovem de Alegrete. Faraco descreve Prestes quase com veneração,

Pequeno, macilento, pomos salientes que tornavam seus olhos encovados, aquele homem atrás da escrivania fora o comandante de outros 900 homens rebelados que, de 1924 a 1927, tinham percorrido 24.000 quilômetros do território brasileiro, vencendo 53 combates contra as forças legais. Sob sua liderança haviam lutado brasileiros da expressão de Miguel Costa, Juarez Távora, Siqueira Campos, João Alberto e Cordeiro de Farias. Tê-lo diante de mim, a sós, era um privilégio, pelo conhecimento que possuía de sua história – glórias, sofrimentos e mais o romantismo de Jorge Amado em *O cavaleiro da esperança* –, mas a figura, a voz, as palavras não chegaram a me impressionar (2002, p. 14)

Após uma conversa de conterrâneos, Prestes teria dito que o irrequieto comunista enviado pelo PCB catarinense “viajaria. Se ainda não era comunista, seria quando voltasse”. Esta sentença marcou muito Faraco. Ao final do livro ele retorna reflexivamente a ela (FARACO, 2002, p. 14).

Como havia uma greve dos aviários da *Air France*, em Paris, o trajeto teve que ser alterado. Outra companhia aérea conduziria os passageiros à Amsterdam e, finalmente, Praga. Faraco teria sugerido conhecer, ao menos, alguns lugares no centro da capital francesa. O “Líder” reprovou a ideia. A prodigalidade e o espírito de abnegação deveriam informar as

ações comunistas, “o dinheiro do povo soviético não devia ser malversado em turismo” (2002, p.16). O mesmo não ocorreu na cidade de Spinoza. Faraco não resistiu à tentação da boêmia de Amsterdam. A escapadela não ficaria desconhecida e impune.

Na Praga de Franz Kafka houve grande regozijo no grupo. A Tchecoslováquia era parte do bloco soviético e havia a permissão de sair do hotel. Faraco menciona a comovente felicidade do grupo brasileiro em estar do outro lado da *Cortina de Ferro*. Ainda em Praga, o “Líder” do grupo repassou as ordens emanadas da Cinelândia: “não usar roupa ocidental, não fazer amizade com os russos, não namorar, etc”. (FARACO, 2002, p. 19)

A chegada em Moscou ocorreu sob uma temperatura de 28 graus negativos. Os brasileiros foram enviados a um casarão no interior da cidade. O tempo ocioso começou a produzir a discórdia, segundo Faraco, “cada qual queria ser mais ‘comunista’ do que todos [...]. Inaugurou-se o denunciamento e veio à tona a minha fuga em Amsterdam”. Depois de um mês, os brasileiros foram deslocados para o alojamento definitivo, um prédio de seis andares no bairro *aeroport*. As acomodações eram mais confortáveis. Todavia, o rádioreceptor sintonizado na Rádio Moscou dava a sensação de estar num livro de George Orwell. “No único botão, o do volume, as alternativas: ouvir alto ou baixo a programação da emissora. Já na primeira noite despertei de madrugada ouvindo um monócórdio comentário, em espanhol, sobre a agricultura do Casaquistão”. A pequena rebeldia de fazer calar o aparelho ainda custaria muitos dissabores a Faraco (FARACO, 2002, P. 20, 21).

O curso no Instituto Internacional de Ciências Sociais foi planejado para ter seis meses de duração e compreenderia cinco disciplinas: Filosofia e Economia Política Marxistas, Movimento Operário, História do PCUS e Língua Russa. As aulas eram proferidas em espanhol, ocasionalmente em russo, ocorrendo a tradução simultânea. Segundo Faraco, o curso era muito rudimentar, limitando-se “à crítica sistemática de todas as teorias filosóficas e econômicas que não entrosassem nos postulados do Marxismo-Leninismo” (2002, p. 22).

A preocupação da URSS com a educação e a formação de lideranças partidárias advindas do exterior já existia desde o período leninista. Nas décadas que se seguiram à revolução não foram medidos esforços na construção de uma grande rede de escolas para a educação de quadros revolucionários. (OLIVEIRA; SILVEIRA, 2017). Segundo Edvaldo Sotana, a educação comunista, especialmente aquela dedicada à formação de quadros durante a Guerra Fria, “não tinha o objetivo de aumentar a reflexão e nem aprimorar a capacidade intelectual do militante”, mas o de “formar indivíduos capazes de dirigir uma organização política clandestina e revolucionária” (2006, p.127).

Faraco não esconde em sua narrativa o deslumbramento com a chamada Meca do comunismo, mesmo os diversos conflitos vividos na gélida Moscou não turvaram sua visão da grandiosidade da cidade. Moscou era um deleite para um bom apreciador da cultura e da arte. Eram dezenas de museus e teatros, centenas de livrarias, e um espaço cosmopolita inigualável, onde circulavam aproximadamente 8 milhões de pessoas dos mais diversos rincões do globo.

Faraco descreve com fascinação a cidade de Moscou. A cidadela do Kremlin o impressionara muito. No seu interior, as 18 torres, a Praça Vermelha, o relógio de 25 toneladas, a arquitetura bizantina, os seis edifícios da Praça das Catedrais, criados a partir do século XV, os palácios do governo, construídos ao longo dos últimos cinco séculos (sendo o último, o Palácio dos Congressos, projetado por um grupo de arquitetos do qual fazia parte Oscar Niemeyer), a famosa Catedral de São Basílio, o Museu Histórico, o Mausoléu de Lênin. Toda essa riqueza arquitetônica centenária cativava a admiração de Faraco. A ela somavam-se as várias outras instituições culturais, com destaque a Galeria Tretiakov, que abrigava o que havia de melhor da pintura russa desde o século XI, e o famoso teatro *Bolshói*.

Nessa topografia cultural, um lugar atraía a atenção de Faraco: a Universidade da Amizade entre os Povos Patrice Lumumba, “ou simplesmente *Druzhba* – amizade”. Faraco, assim como muitos jovens comunistas ao redor do mundo, sonhou ser aceito na *Druzhba*, mas a sua carta que pedia admissão nunca foi respondida. Tal recusa não foi um embargo ao desejo de conhecer os brasileiros que lá se encontravam. Um deles era Lutero Mota Soares, assim como Faraco, um sul-rio-grandense nascido em Alegrete. Faraco assinala que Lutero guardava diligentemente uma quantidade de feijão para cozinhar em uma ocasião especial. A confraternização com o conterrâneo foi a oportunidade para tal cortesia.

Ao lado da descrição minuciosa do complexo cultural que era Moscou, Faraco também dedica um espaço considerável para tecer comentários sobre a vida social na URSS e corroborar com a desconstrução dos discursos anticomunistas, comuns em alguns relatos de viagem. O autor assinala que todo o trabalho era remunerado de acordo com a qualificação do trabalhador. Por exemplo, o zelador de um pavilhão esportivo recebia um pagamento de 60 rublos, um trabalhador qualificado, cerca de 180, e um engenheiro, 300. Portanto, não havia extremos entre as remunerações profissionais. Por outro lado, as casas e apartamentos não eram privados, pagava-se 7% do rendimento para usufruir de uma moradia. No entanto, os alimentos, o transporte e o lazer eram praticamente gratuitos. A educação e a assistência médica não tinham qualquer custo. Assim, a renda mensal de uma família era bastante satisfatória.

A questão crucial não era o dinheiro, mas o que fazer com ele, esta era a razão das filas nos estabelecimentos comerciais: acabava de chegar um produto que antes não havia. E era fila para comprar meias, fila para ovos, fila para entradas de teatro, fila para revistas, fila para perfumes – a exacerbação do império da fila (FARACO, 2002, p. 38, 39).

Enquanto os brasileiros estavam em Moscou, uma série de rápidas mudanças ocorria no Brasil. As notícias que chegaram sobre o comício na Central do Brasil foi um pequeno alento no frio glacial de Moscou. Contudo, de uma sonhada revolução em curso no Brasil sobreveio um golpe de estado e uma permanência prolongada na URSS. O golpe de 1964 atingiu em cheio os estudantes brasileiros. A muitos foram ministrados medicamentos para aplacar a ansiedade e a aflição. A maioria tinha deixado a esposa e os filhos pequenos em condições financeiras pouco satisfatórias, agravadas ainda pela clandestinidade do partido e pelo fechamento dos diversos sindicatos – que poderiam oferecer algum tipo de segurança. O desespero fez com que muitos desejassem voltar imediatamente ao Brasil, mas a situação recomendava cautela. Faraco lembrou imediatamente das fichas cadastrais preenchidas no Rio de Janeiro e da escolha dos dirigentes em tirar passagens diretas do Brasil para a URSS. Cartas, ligações telefônicas, toda comunicação foi cortada. O intuito era preservar as famílias que estavam no Brasil sob uma ditadura.

Em meio a toda essa apreensão foram divulgadas as primeiras notas do curso, e novos desentendimentos surgiram. O fato de Faraco ter tido desempenho superior aos dos demais, segundo o “Líder”, não deveria impressionar ninguém, pois ele “tivera a chance de fazer estudos regulares e entrava no curso com a vantagem do berço”. Na ocasião, vieram à tona ainda os episódios de Paris, Amsterdam e do rádio silenciado. O elemento novo era o namoro de Faraco com uma russa chamada Nina Aleksandróvna Lavriêntieva. O fato era que os outros membros do grupo também tinham comportamentos desviantes e, segundo Faraco, não eram constrangidos pelo “Líder” (2002, p. 34). É importante mencionar que havia nos partidos comunistas uma cultura política de vigilância sobre os intelectuais, ou ao menos sobre frações da classe média escolarizada, que tomavam lugar nas fileiras comunistas. Essa política obreirista produziu constrangimentos a muitos membros do partido, inclusive em Santa Catarina, fazendo com que muitos realizassem as chamadas autocríticas por supostos apegos a valores pequeno-burgueses (MARTINS, 1995).

Mesmo diante dos vários desentendimentos, Faraco narra em pormenores as muitas alegrias vividas na URSS. Uma delas foi a inusitada visita do *XV de Novembro* a Moscou, equipe de futebol de Piracicaba, que em jogo amistoso enfrentou a seleção russa no Estádio Lênin.

Nos primeiros minutos um atacante do XV mandou um pelotão à trave dos soviéticos, mas a equipe brasileira, ainda que lutando bravamente, não logrou superar o *Aranha Negra* e a partida ia terminando com 2 x 0 para a URSS. Pouco importava, o XV era um pedaço do Brasil a nos aquecer naquele país gelado e continuávamos gritando. Ao final, um dos jogadores veio à beira do gramado e cruzou os braços no peito, como se nos abraçasse. Essa singela atenção ao torcedor há de ser corriqueira na vida de um atleta profissional, e aquele, por certo, nunca soube o quanto seu abraço simbólico nos emocionou. (FARACO, 2002, p. 46)

Os pequenos momentos de alegria contrastavam com a crescente perseguição a que Faraco era submetido pelos colegas brasileiros e pelos soviéticos. Ele esperava ansiosamente encontrar um amigo para dividir os temores, as suspeitas e, sobretudo, alguém que pudesse aconselhá-lo na aflição. Curiosamente, a imagem que lhe vinha era a do amigo Francisco Pereira, dirigente comunista em Blumenau.

Eu esperava esse amigo e era plausível que confiasse encontrá-lo entre pessoas que, como eu, acreditavam no socialismo. Aquilo que eu via no alojamento era a exceção, não a regra. Nem todos os comunistas eram autocráticos, sectários ou “esquerdistas ridículos”, como dizia Lênin dos alemães de Frankfurt am Main. Sobretudo, acreditava nos homens, nem todos eram pulhas, e tinha a certeza íntima de que, mais dia, menos dia, haveria de encontrar um homem honrado, um comunista de verdade – como aquele Francisco, em Blumenau –, que me apreciaria não por ser igual a ele, mas por ser diferente, e me estenderia a mão com o coração cheio de afeto (FARACO, 2002, p. 95).

Nos trinta dias das férias de julho, os alunos do instituto receberam duas opções de viagem: Cazaquistão ou Armênia. Faraco não titubeou, mesmo diante das notícias das grandes inovações tecnológicas da agricultura cazaque, escolheu a Armênia e seus mais de 4 mil monumentos históricos, todos reunidos numa área pouco maior que a do estado de Alagoas. Esta é uma das partes mais interessantes do livro, do ponto de vista daquela alteridade que Tzvetan Todorov afirma existir em toda a literatura de viagem.

As férias, na prática, eram um prolongamento do curso. Os alunos deveriam visitar fábricas e fazendas estatais (*Sovkhós*) e fazendas cooperativas (*Kolkhós*) para comprovar os avanços do socialismo. É das fazendas que Faraco narra uma situação curiosa, haja vista a sensação de estranhamento diante de uma cultura bastante diferente da brasileira. Os estudantes eram recebidos nas fazendas com um grande almoço, que não podiam rejeitar sob a suspeita de insulto. No entanto, ao que parece, o mais difícil foi comer o *shashlik*, um prato composto de “cubos de carne ovina cozida num panelão de óleo e suco de limão com sal, tomate, cebola, aipo, pimenta verde, alho, louro e erva de endro” (FARACO, 2002, p. 60).

A grande confraternização proporcionada pelo almoço entre os estudantes e os camponeses era a ocasião para intermináveis discursos de exaltação do socialismo e brindes à

paz mundial e à solidariedade internacional. Para coroar a reunião, na despedida, os estudantes eram beijados pelos camponeses.

Os camponeses faziam questão de nos beijar. Na boca. Um costume, sim, mas eu já estava farto de ser beijado por bigodudos cujos bigodões ainda recendiam o molho do *shashlik*. [...] Numa das visitas – era um *sovkhós* – não pude permanecer à mesa até o final do almoço, que costumava se arrastar por não menos de três horas. Levantei-me e, ocultando-me atrás de nosso ônibus, devolvi ao mundo o que o mundo me impusera. O funcionário russo veio me buscar. Eu me levantara antes do tempo e os anfitriões estavam consternados. Tive de retornar à mesa e, olímpicamente, cumprir todos os passos de meu calvário estomacal (FARACO, 2002, p. 60, 61).

Mas não eram apenas os costumes armênios que tornariam rica a experiência antropológica de Faraco no Cáucaso. A geografia e a história antiga da região o fascinaram. Ainda no avião, Faraco teria conhecido Elisa, uma uruguaia que estudava Geologia na *Druzhba*. Elisa tornou-se a grande parceira de explorações e aventuras na Armênia. Faraco afirma que logo que chegou a Erevan, a capital, pôde avistar o monte Ararat – o maciço de mais de 5 mil metros tornado famoso pela história bíblica do dilúvio narrado no Gênesis. Os monumentos históricos mais impressionantes eram as ruínas da Fortaleza de Garni, cujo templo datava do século I, a pedraria do Templo de Zvartnots, edificado no século VII, a Catedral de Etchmiadzin, construída no século IV e o Mosteiro de Geghard, incrustado na montanha rochosa, cujo templo central data de 1215-23. No entanto, o que mais chamou a atenção de Faraco foram as ruínas de Karmir Blur (Colina Vermelha), local onde teriam residido os *chaldini*, povo que habitava a região de Urartu, destruída pelos citas em 625 a.C. A história de Urartu fascinou tanto Faraco que ele decidiu abandonar as cansativas atividades de visitação às fazendas com outros estudantes e dedicar-se somente à pesquisa. As visitas ao Museu Histórico da Armênia e novamente às ruínas de Karmir Blur tornaram-se mais frequentes e surgiram sérias dúvidas se as apadanas persas ou mesmo as colunas jônicas não eram heranças ou apropriações da própria arquitetura de Urartu. ⁱ

Quando chegou da Armênia, Faraco percebeu que os problemas estavam longe de diminuir, pelo contrário, avolumavam-se. O funcionário russo na Armênia não deixou de registrar em seu relatório a recusa de Faraco em acompanhar o restante dos estudantes nas atividades a eles prescritas. Houve uma reunião e a liderança achou que era a hora de enviar Faraco ao Brasil. Era um grande erro, Faraco seria preso no momento em que pisasse no solo brasileiro. Os veteranos dissuadiram o restante do grupo dessa irrefletida solução, mas a intenção de punir a indisciplina de Faraco não desapareceu. Em novembro passou-se a cogitar a possibilidade de uma internação, mesmo sem doença diagnosticada.

O camarada Spínkov era de opinião que meu comportamento se deteriorava e aprovara minha internação numa casa de saúde. [...] Essas e outras assacardilhas, vistas ao longe, mostram-se tão bufas quanto a circunspeção com que eram feitas, mas eu as via muito de perto, ou muito de dentro, e eram como alfinetes que me cravassem no corpo todo, abrindo pequenas feridas e tornando-o progressivamente mais sensível. E agora essa punhalada, a casa de saúde. Que casa de saúde era aquela? Um manicômio? Em meu quarto, debatia-me na teia daquele ano de incompreensões, afrontas e perseguição tenaz, como o mísero inseto acuado pela aranha. Era preciso fazer alguma coisa, qualquer coisa. Já não estava lidando com mesquinhas que pudesse arredar com o pé, mas com um perigo real, monstruoso, iminente: iam me internar (FARACO, 2002, p. 92, 93).

Neste extrato há um tema relevante que Faraco desenvolverá mais adiante: o lugar do indivíduo no interior de uma sociedade socialista. A metáfora do inseto acochado pela aranha fornece a imagem da impotência do indivíduo diante de uma estrutura que o absorvia, diante de decisões coletivas sobre itinerários individuais.

O diretor do instituto, o camarada Spínkov, em conversa com Faraco, teria afirmado ser um mal-entendido e negou haver um plano para internar o brasileiro. Pelo contrário, havia a proposta de uma temporada de 20 ou 30 dias em uma *dátcha* (uma casa de campo), onde Faraco poderia descansar, escrever e ouvir o toca-discos sem ser incomodado – há algum tempo Faraco tinha sofrido uma dura reprimenda por ouvir música burguesa, agravada ainda por tratar-se de um compositor anacronicamente identificado com o nazismo: Richard Wagner. Diante dos mais variados desentendimentos, um descanso era tudo o que o brasileiro queria. No entanto, Faraco passou a estranhar quando, num dia pela manhã, fora buscado por uma ambulância. Ao chegar ao destino, o motorista informou se tratar do Hospital do Kremlin. Faraco percebeu que tinha sido enganado pelo diretor do instituto e pelo psiquiatra que o atestara estar em pleno gozo da saúde.

Faraco resistiu com todas as suas forças naquele estabelecimento. No entanto, quanto mais irritado e tenso ficava mais a equipe médica interpretava o seu comportamento como indício de desequilíbrio mental.

Outra injeção. Outro longo sono. Outra morte. Em algum momento despertei, sem saber se era noite ou se era dia. Naquele quarto sempre era noite: a lâmpada acesa e as janelas lacradas – sem vidros, sem trincos e as fendas cobertas de esparadrapo. Soube que era noite porque trouxeram a janta. Ou seria o almoço? A servente esperou que comesse e levou a bandeja com os comprimidos recusados. Ela insistira e eu gritara: *Niet!* Rejeitá-los era o bastião de minha revolta, mesmo sabendo que essa conduta, para quem não me conhecia, justificava a internação (FARACO, 2002, p. 109).

Durante as longas horas, dias e meses passados no hospital, Faraco resolveu solicitar a uma enfermeira, mesmo que com poucas esperanças, as anotações das pesquisas que realizara na Armênia sobre o antigo reino de Urartu. O reencontro com as anotações foi uma pequena

vitória, embora tivesse que solicitar sempre alguém para apontar o lápis, que gastava rapidamente, pois havia a expressa proibição de estiletes ou quaisquer objetos cortantes no quarto.

Eu esperava alguém que, em seu comunismo solidário, se rebelasse contra a insensatez, como eu me rebelara, e tivesse a têmpera dos que não recuam. Eu tivera medo e recuara. E agora não esperava nada, nem messias nem coisa alguma. Já me contentava a atenção da enfermeirinha. Já me contentava não ser tratado como bicho. Antes de mim, quantos gritos não se haviam esfacelado nas paredes daquele quarto, quantos gemidos, quanta saudade, quanto sonho, quanta esperança. Eu era apenas outro hóspede sem rosto que se desesperara, como todos, e que depois, como todos, encasulara-se na indiferença e na abulia (FARACO, 2002, p. 114).

O desencanto, a sensação de ser tratado como um simples número numa série, a perda da singularidade e da individualidade parecem ter deixado marcas profundas na memória de Faraco. Paradoxalmente, Faraco vivia uma espécie de duplo exílio (CARPINEJAR, 2003). Ao Brasil, sob uma ditadura, não poderia voltar, pois seria reconhecido como um temível comunista, vindo da própria pátria do comunismo. Por outro lado, para a normalidade cotidiana de Moscou também não poderia retornar, pois não era comunista o suficiente, não tinha a disciplina partidária desejada para que pudesse gozar da liberdade vivida pelos outros camaradas brasileiros. Contudo, mesmo nesse abismo poderia haver uma luz e ela certamente foi avistada no encontro com Jaime Espaillat, um dominicano que também estava internado no hospital. Jaime era um importante membro do PC da República Dominicana e tinha sido ministro no governo socialista que ganhara as eleições naquele país. O dominicano passou a ser um fiel amigo para Faraco e a conduzi-lo nas caminhadas pelo bosque. Foi Jaime que encorajou Faraco a parar de ingerir os medicamentos. A estratégia deu certo, em pouco tempo as náuseas cessaram e o brasileiro retomou suas forças, graças também às frutas tomadas de assalto por Jaime na cozinha do hospital. Foi Jaime também que o instruiu que acreditar no socialismo não significava acreditar nos russos. Todavia, o desencanto de Faraco era evidente e irreversível.

Eu nutria, até então, outras esperanças. Acreditara no socialismo e em seu futuro, o comunismo, e acreditara que sonhar com esse futuro, para um homem, era a vitória de sua própria humanidade, a ser praticada com a dignidade de um sacramento na construção de um bem coletivo. Mas isso não bastava. Era preciso que tal sistema, e tais homens que o construíssem, rendessem seu preito ao individualismo, isto é, a festa do indivíduo e não o seu velório, onde cada um fosse livre para escolher seu trabalho e trabalhasse para todos, mas que todos, com altruísmo, não viessem a exigir daquele um que fosse igual a eles e, ao contrário, aprendessem a estimar o que o fazia distinto. Um socialismo que redimisse a alma do homem, como sonhava Oscar Wilde, e isso eu não via na URSS. Ao contrário, o que eu via, e muito de perto, era a reificação da individualidade. Era o que estavam fazendo comigo (FARACO, 2002, p. 125).

Essa perspectiva enunciada por Faraco, a de um socialismo que não apagasse as individualidades, ganhou corpo a partir das múltiplas críticas ao socialismo soviético, em grande medida advindas da inflexão individualista proporcionada pelo Maio de 1968 e, principalmente, pelo impacto do livro *Arquipélago Goulag* de Alexander Soljenitsin, de 1973. Desde então, é possível observar nos diversos relatos autobiográficos de intelectuais que pertenceram ao Partido Comunista, como Edgard Morin, Annie Kriegel e Claude Roy, estudados por Fernando Kolleritz, uma

espécie de confronto entre subjetividade individual e imperativos coletivistas [...]. Afinal, os regimes socialistas pretenderam, abolindo antigas relações de produção, estabelecer sociedades menos individualistas do que as burguesas, [...]. A burguesia favorecia o predomínio nefasto de um excessivo amor de si, a antecedência egoística do cuidar de si (KOLLERITZ, 1999, p. 201).

A subjetividade reivindicada por Kolleritz para caracterizar os mais diversos relatos autobiográficos de ex-membros do Partido Comunista também deve ser inserida no fenômeno de revalorização da memória na segunda metade do século XX. Como aponta Beatriz Sarlo, as experiências da Segunda Guerra Mundial, o Holocausto e o Gulag impulsionaram uma cultura da memória. De alguma forma essas experiências buscavam enterrar o sujeito, suprimir o indivíduo. A guinada subjetiva foi o efeito imediato a este apagamento. Para além da crítica ao aspecto comercial e ao estatuto de verdade que a memória adquiriu nas sociedades pós-modernas, Sarlo menciona que a literatura e a ficção, de um modo geral, têm sido os instrumentos com os quais muitas sujeitos têm trabalhado suas experiências, pois não “há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é no comum” (2007, p. 24).

No fundo, era contra esse apagamento da individualidade que Faraco tentara lutar nos longos meses que passou internado. Daí, ser uma grande vitória reaver as parcas anotações pessoais. Elas funcionaram como um espelho, uma espécie de resgate de uma identidade pretérita: “Uma vaga emoção ainda pude sentir ao folhear meus cadernos. Quis ler o capítulo que deixara em andamento, a destruição de Urartu pelos citas, mas não o entendia, parecia ter sido escrito por uma pessoa mais ilustrada e mais inteligente, cujo raciocínio eu não era capaz de acompanhar” (2002, p. 114). Nesta situação, retomar seus escritos era reaver sua memória, uma “memória que é erigida em critério de identidade”, como afirmar Paul Ricoeur. No entanto, uma identidade fragilizada pela própria precariedade de sua relação com o tempo, com os dias que passavam sem serem contabilizados e vividos efetivamente. É também neste

sentido que aponta Paul Ricoeur, quando assinala que, “como causa primeira da fragilidade da identidade é preciso mencionar sua relação difícil com o tempo” (RICOEUR, 2007, p. 94).

Faraco já adentrava ao quarto mês de internação quando foi liberado para retornar ao instituto. O retorno ocorreu graças a um ato heróico diante de um psiquiatra e seu grupo de alunos que visitavam o hospital. Faraco denunciou abertamente os mecanismos empregados por aqueles que o internaram naquela instituição e como tinha recuperado a saúde após deixar de receber a medicação. Diante do espanto do professor, não houve outra opção que não fosse a de conceder alta ao paciente. Faraco assinala que foi muito difícil dizer adeus a Jaime, o amigo que tanto o ajudara. Dele ainda recebeu um último conselho: ter cautela com os companheiros do instituto.

Permaneciam no alojamento seis ou sete gatos pingados, entre eles o Líder, que veio me felicitar pelo retorno. Fez um pequeno discurso. Por motivos que não vinham ao caso, consequentes, quem sabe, às mudanças políticas no Brasil, eu me desencaminhara, obrigando-o, e ao camarada Spínkov, a uma providência que os mortificara. Eram águas passadas. Tinha certeza de que, no hospital, eu fora bem-tratado e me recuperara. Ele falava, eu concordava, sim, tinham sido profícuos aqueles cem dias, apaziguando-me. Eu era outro! E se, no começo, surpreendera-me a troca da *dátcha* pelo hospital, depois percebera que o desígnio era meu bem-estar. Em suma, estava agradecido pelo que ele e o camarada Spínkov tinham feito, sabia-se lá com quantas dúvidas na consciência (FARACO, 2002, p. 145).

Era o início de 1965 e aproximavam-se aqueles que seriam os últimos atos na URSS. Como fizera nos meses anteriores, Faraco dirigiu-se ao canteiro central da avenida Leningrado, esquina com a rua Armênia Vermelha, lugar onde tantas vezes tinha se encontrado com Nina, a namorada russa. Naquele dia ficou imóvel, não teve coragem de chamar por ela. O retorno ao Brasil apenas perpetuaria o rompimento dos laços entre ambos, já dilacerados por ocasião da internação. De todos os fatos ocorridos na Rússia, este parece ter sido um dos que mais marcou a memória de Faraco, sinalizando que “é sempre com perdas que a memória ferida é obrigada a se confrontar (RICOEUR, 2007, p. 93).

A viagem de retorno foi tumultuada e cheia de desencontros. O Brasil, sob uma ditadura, impedia a entrada pelo Galeão. A opção mais acertada foi tomar um voo para a Argentina e depois ingressar no Brasil por terras uruguaias. O período imediato ao retorno da viagem parece ter sido ainda bastante confuso. Não havia muitas certezas em relação aos sentimentos suscitados pela experiência vivida na URSS, mas alguma certeza sobre a profunda alteração de sua identidade: “Mas algo eu sabia. O moço de 23 anos que partira de Blumenau já não existia. Faltava saber o que restara dele para ser depositado, como oferenda, aos pés de algum futuro” (2002, p. 156).

Já em Alegrete, a cidade que tanto interessara Prestes quando da conversa com Faraco na Cinelândia, o recém-chegado viajante lembrava do horizonte de expectativa do velho cavaleiro da esperança em relação ao jovem enviado pelo PCB catarinense.

No dia em que, na periferia da cidade, subi a coxilha onde se localizava o quartel, lembrava-me novamente do velho Prestes, do que ele dissera no Rio, na sede do partido: se eu ainda não era comunista, voltaria sendo. Naquele tempo eu era, camarada Prestes. E agora, continuava sendo? Meus sentimentos eram tão confusos como poderiam ser os do mendigo que não tem lugar no mundo e que os comerciantes, nos dias de frio e chuva, costumam expulsar de suas marquises. Se tivera tantos problemas na Rússia e voltaria a tê-los no Brasil – e como os tive, camarada Prestes! –, em que lugar morava agora a minha esperança? Muitos anos se passariam antes que o lugar dela deixasse de ser a prisão dessa pergunta (FARACO, 2002, p. 167).

Este trecho, que finaliza o livro, é um dos mais marcantes. A narrativa, carregada de sensibilidade, traduz um sentimento de orfandade, fruto de uma experiência de camaradagem entre socialistas marcada pela falta de gestos de solidariedade, experiência vivida justamente no lugar em que se esperava que tais gestos florescessem. Contudo, não seria um caso de apostasia, mas de desencanto.

E. P. Thompson, em *Desencanto ou apostasia*, ao estudar os poetas ingleses do século XVIII, “defensores indômitos da Revolução Francesa”, assinala que eles “ficaram enojados com o curso que ela tomou”. O historiador inglês diz ser muito tentador fazer uma relação fácil entre a revolução russa e a francesa, entre o jacobinismo inglês desencantado e os intelectuais diante da Hungria de 1956: “Na nossa época, os homens se desencantam com facilidade demais, apressados demais em transpor a etapa da apostasia (2002, p. 99)”. No entanto, para Thompson, somente ao transpor a etapa da apostasia é que se poderia salvar o humanismo. De maneira análoga, Faraco não deixou de enfatizar a expressão do amigo dominicano, Jaime Espailat: acreditar no socialismo não significava acreditar nos russos. No fundo, o seu desencanto residia em não ter encontrado no socialismo o espaço para o indivíduo e suas veleidades. Pelo contrário, viu com sua própria experiência o esmagamento da individualidade, tão preconizado em *A alma do homem sob o socialismo*.

Sobre as viagens da memória: apontamentos sobre a sensibilidade narrativa

Finda a apresentação sobre os aspectos mais gerais de *Lágrimas na chuva*, é o momento de realizar alguns apontamentos. O primeiro elemento a ser ressaltado é a relação entre viagem e memória. Jeanne Marie Gagnebin, ao falar sobre rastros e cicatrizes, enquanto metáforas da memória, toma o exemplo emblemático de Ulisses, herói da epopeia homérica. Esta história é particularmente importante, por sua característica arquetípica no gênero de

literatura de viagem. Ulisses, após uma longa viagem, é reconhecido pela escrava Euricléia que, ao lavar sua perna, toca em sua cicatriz. Este estigma tinha sido adquirido numa caçada a um javali, realizada junto com o avô. A ferida, segundo Homero, teria sido curada pelas ataduras e pelas “palavras mágicas” que estancaram o sangue. Daí, Gagnebin afirmar que:

Na história da ferida que se transformou em cicatriz encontramos, então, as noções de filiação, de aliança, de poder da palavra e de necessidade da narração. Encontramos também o motivo da viagem de provações e do regresso feliz à pátria, depois da errância (2002, p. 127).

O relato de Sergio Faraco guarda muitas semelhanças com as proposições acima. Não há como negar as feridas, transformadas em cicatrizes após quase quarenta anos de silêncio. Pode parecer estranho que a escrita tenha vindo à tona somente em 2002. No entanto, como assinala o autor, aquelas páginas, “pouco menos que malditas”, começaram a ser escritas logo no período imediato ao retorno da viagem, dando a entender que as palavras, a narrativa tiveram a função terapêutica de elaborar o passado, fazendo-o encontrar, mesmo entre as memórias traumáticas, a “memória feliz” (RICOEUR, 2007, p. 46). No entanto, como o próprio autor assinala, houve reticência em tornar público o relato de sua experiência num período em que o Brasil vivia sob uma ditadura – regime que prendeu, torturou, assassinou e sumiu com os corpos de muitos militantes comunistas. Implicitamente, é possível ler que o autor não gostaria que seu escrito fosse instrumentalizado na propaganda anticomunista, tal como aparece indiretamente nas palavras de Érico Veríssimo. Todavia, a experiência permanecia latente, “como um corpo dentro do meu corpo”, assinala Faraco.

Segundo Gagnebin, quando Walter Benjamin lamentava a pobreza da narrativa como resultado direto da ausência de experiências significativas, também lembrava a importância da viagem como substrato sobre o qual é erigida a narrativa, particularmente “a temática da viagem de provações, fonte da experiência autêntica” (2002, p. 127). A narrativa de viagem construída por Faraco é um exemplo relevante da capacidade de reelaborar o passado, de superar com serenidade as traições e as decepções pessoais. Não há um ressentimento, tal como descreve Pierre Ansart em *História e memória dos ressentimentos*, mas um incontido desencanto (2004, p. 15-36). Pelo contrário, “são confissões generosas, que não levam à amargura, e afirmativas, apesar do contexto de trevas e solidão (CARPINEJAR, 2003).

O segundo elemento importante da obra de Faraco é a subjetividade da narrativa, o tom pessoal. A organização cronológica dos 33 capítulos, registrando o cotidiano quase que diário dos acontecimentos, e o aspecto emocional da narrativa fazem com que o texto inscreva-se na interseção da autobiografia e do diário. Aqui também é importante retomar a

caracterização das narrativas de viagem proposta por Todorov. Para ser digno de pertencer ao gênero, o texto deve estar no registro da subjetividade e da ciência. Em outras palavras, entre a autobiografia e a objetividade, a descrição analítica. Como lembra Mary Anne Junqueira, a heterogeneidade dos relatos de viagens encontra no diário uma de suas formas mais importantes. Aqui, é salutar a observância de algumas palavras de Seligmann-Silva sobre a especificidade do diário como suporte do testemunho.

O diário produz páginas que se embaralham com a vida de seu autor-protagonista. Nele somos tocados pelo ar que o personagem respirava. Tendemos a ver nele um testemunho, ou seja, um *índice*, metonímia, e não uma metáfora, que é tradução imagética e mais distanciada dos fatos arrolados. Além disto, o diário possui também uma respiração, um ritmo, que expressa a situação anímica e corpórea de seu autor e para ela *aponta*. [...] Seu convencimento estético é reforçado por um elemento ético. A escrita é vista tanto como ducto por onde escorre a vida privada, como também, em muitos diários, neste ducto misturam-se de modo claro as águas da vida pública. O texto, nestes casos, se transforma em um dique. A potência que guarda pode ser transformada em energia mesmo muitos anos depois de passados os fatos, justamente porque na estrutura do texto se entrecruzam, em uma trama, a vida íntima com a pública, o trabalho literário com as marcas do “real”. (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 07)

O livro de Faraco, por mais indiciário e marcado pelo real, transita neste espaço da metáfora, do distanciamento. Contudo, esse distanciamento, próprio da narrativa que configura o passado e que atua na mediação entre ação e interpretação (RICOEUR, 1994, p. 87), não é destituído dos elementos subjetivos da autoria, disso que Seligmann-Silva chama de “respiração”, “situação anímica e corpórea”. É nesta perspectiva que também pode ser compreendido o caráter performático do texto, a sua força estética, reafirmada por uma ética subjacente.

O caráter ético da narrativa conduz a um terceiro apontamento, a questão da verdade e da veracidade. Mary Anne Junqueira assinala que durante muito tempo as narrativas de viagem viveram sob a suspeita quanto à veracidade. Uma das mais famosas narrativas de viagem, *As viagens de Jean de Mandeville*, por exemplo, é obra de um exímio compilador que talvez nunca tenha viajado. Situação semelhante ocorreu com o célebre relato de Marco Polo, que não foi escrito pelo viajante, mas por um profissional do texto. “Desse modo, o importante a considerar é a ‘verdade que ele quis construir’ e não a ‘veracidade’ do relato” (JUNQUEIRA, 2011, p. 53). Obviamente, tal sentença não é uma licença ao relativismo absoluto, mas um alerta contra os riscos de uma história apegada em demasia aos ditames das provas documentais.

Durante muito tempo a tarefa do historiador foi a de estabelecer a verdade do passado, mesmo que essa vontade de verdade fosse duramente criticada, especialmente quando se

buscava questionar o estatuto dessa verdade. Gagnebin define, acertadamente, que estabelecer a verdade do passado tem muito menos a ver com a tarefa positivista de fazer uma correspondência entre os acontecimentos e a narrativa sobre eles, ela “remete muito mais a uma ética da ação presente que a uma problemática da adequação (pretensamente científica) entre ‘palavras’ e ‘fatos’” (1998, p. 214). Assim, retoma Walter Benjamin, para quem, “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele foi’. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela cintila num instante de perigo”. Destarte, articular, integrar, fazer conexões são tarefas fundamentais do historiador. Trata-se de um exercício hermenêutico deliberadamente ético-político, mas também epistemológico, que reafirma a íntima relação entre memória e história. Paul Ricoeur vai ainda mais longe, chegando a propor “a memória como matriz de história, [...] na medida em que ela continua sendo a guardiã da problemática relação representativa do presente com o passado” (2007, p. 100).

Para Gagnebin, é importante lembrar que ao longo do século XX muitos regimes políticos destruíram os vestígios documentais de suas ações, principalmente os registros do extermínio metódico dos chamados indesejáveis. Não é fortuito que o revisionismo e o negacionismo busquem nas colorações positivistas a sua legitimidade histórica. Daí, segundo Gagnebin, a tarefa essencial de “não cair em uma definição dogmática de verdade” (1998, p. 219). Nesta mesma perspectiva, a da relação entre verdade e narrativa, Kolleritz assinala que “ficamos também mais atentos e sensíveis à ótica pessoal, ao valor de verdade que testemunhos, em sua singularidade, comportam” (1999, p. 200).

É precisamente na confluência da memória e da verdade que o livro de Faraco ganha uma relevância ímpar. A narrativa, carregada de sensibilidade, possui a capacidade ética e estética de transitar entre o fascínio e o desencanto. “Faraco fez ficção da realidade. O tempo virou engenho da memória. O escritor encontrou a sua verdade, diferente de todas as outras verdades e, portanto, tornou possível e suportável a vida” (CARPINEJAR, 2003).

Em outro plano, é preciso pontuar a importância de *Lágrimas na chuva* para a compreensão do próprio PCB no Brasil. Mesmo na ilegalidade dos anos 1960, existiam possibilidades de organizar redes de contato e informação entre os núcleos comunistas mais distantes, que contribuíam para um trânsito nada desprezível de militantes comunistas catarinenses para o bloco soviético. Na mesma direção, o livro é um contributo para pensar as relações de aproximação e distanciamento dos militantes comunistas brasileiros, e especialmente os catarinenses, em relação aos rumos que o socialismo tomou na Rússia. Nesse contexto, Faraco não foi o único a desencantar-se. Antes dele, o relatório Krushev, de

1956, já tinha contribuído para afastar vários intelectuais do partido, tal como o jornalista Mario Bastos, de Florianópolis.

Finalmente, faz-se necessário a devida referência ao contexto de publicação do livro, a virada do século, período em que a queda da URSS já completava uma década e que as narrativas memorialísticas sobre o regime soviético amalgamavam-se à guinada subjetiva. Portanto, a construção do livro ocorreu em um período de crescente valorização do relato pessoal, do testemunho e da construção de uma auto-imagem.

Referências

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (res)sentimento*. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2004, p. 15-36.

CARPINEJAR, Fabricio. *Uma estadia no inferno russo* – comentário sobre o livro de memórias de Faraco. Disponível em: <<https://assisbrasil.org/joao/sfaraco.htm>> Acesso em: 15/10/2017.

FABRICIO, Edison Lucas. *A produção do espectro comunista: imprensa, política e catolicismo (Blumenau 1960-1964)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

FARACO, Sergio. *Lágrimas na chuva*. Uma aventura na URSS. 2ª Ed. Porto Alegre: L&PM, 2002.

FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do Mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930 – 1956)*. Niterói: EdUFF, 2002.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. O rastro e a cicatriz: metáforas da memória. *Pro-Posições*. Vol. 13, N. 3 (39) - set./dez. p. 125-134, 2002.

_____. Verdade e memória do passado. *Projeto História*. São Paulo. Nº 17, p. 213-222, 1998.

HARTOG, François. *Memória de Ulisses* – narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: Junqueira, Mary Anne; Franco, Stella Maris Scatena (Orgs.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo/Humanitas, 2011, p. 44-61. Disponível em: <www.fch.usp.br/dh/leha> Acesso em: 15/10/2017.

KOLLERITZ, Fernando. A apostasia comunista: a subjetividade como política. *Revista Brasileira de História*. São Paulo. V. 19, n. 38, p. 199-226, 1999.

KUPFERMAN, Fred. *Au pays des Soviets* – Le voyage français en Union soviétique (1917-1939). Paris: Gallimard, 1979.

MARTINS, Celso. *Os comunas: Álvaro Ventura e o PCB catarinense*. Florianópolis: Paralelo 27; Fundação Franklin Cascaes, 1995.

MAZUY, Rachel. *Croire plutôt que voir? Voyages en Russie soviétique (1919-1939)*. Paris: Odile Jacob, 2002.

OLIVEIRA, Amanda. A.; SILVEIRA, Eder. S. Educação e clandestinidade: memórias de comunistas brasileiros na União Soviética (1953-1955). *Temporalidades*. V. 9, p. 12-31, 2017.

RIBEIRO, Manoel Alves. *Caminho*. 2ª Ed. Florianópolis: Garapuvu, 2001. [1ª ed. 1990].

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1994. Tomo I.

_____. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SAÍTTA, Silvia. *Hacia la Revolución*. Viajeros argentinos de izquierda. Selección y prólogo de Sylvia Saítta. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do testemunho. *Tempo e Argumento*. Florianópolis. V. 2, n. 1, p. 3-20, jan. / jun. 2010.

SOTANA, Edvaldo C. *Relatos de viagens à URSS em tempos de Guerra Fria: uma prática de militantes comunistas brasileiros*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2006.

TODOROV, Tzvetan. A viagem e a narrativa. In: *As Morais da História*. Lisboa: Publicações Europa-América. 1992, p. 93-105.

THOMPSON, E. P. Desencanto e apostasia. In: *Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 43-101.

TORRES, Raquel Mundim. *O inferno e o paraíso se confundem: viagens de brasileiros à URSS (1928-1933)*. Dissertação de Mestrado em História. Campinas: IFCH-Unicamp, 2013. 189 p.

_____. Relatos de viagem de brasileiros à URSS na Guerra Fria: por uma tipologia possível (1950-1963) *Anais do XXIX Simpósio Nacional de História da ANPUH*. Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502852280_ARQUIVO_RelatosdeviagemdebrasileirosaURSSnaGuerraFria.pdf> Acesso em: 15/10/2017.

VIEIRA, Jaci Guilherme. *História do PCB em Santa Catarina: Da sua gênese à Operação Barriga Verde – 1922 a 1975*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1994.

ⁱ A pesquisa de Faraco resultou no livro *Urartu*, publicado pela editora da Universidade Federal do Rio Grande Sul, em 1978.